

## O HOMEM VIRIL EM EVIDÊNCIA: O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO DA VIRILIDADE EM MEMES DA DIREITA ALTERNATIVA BRASILEIRA

THE VIRIL MAN IN EVIDENCE: THE FUNCTIONING OF THE VIRILITY DEVICE IN MEMES OF BRAZILIAN ALTERNATIVE RIGHT

Myllena Araujo do Nascimento<sup>1</sup>  
Amanda Batista Braga<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar o funcionamento do *dispositivo da virilidade* em *memes* produzidos pela direita alternativa brasileira, atentando ao modo como sua prática, relacionada ao exercício do poder, produz uma regularidade discursiva que agencia dizeres, que responde a uma urgência histórica e que subjetiva os sujeitos aí implicados. Nosso intuito é o de demonstrar a reativação de um ideal viril formulado no século XIX e sua manutenção em nossos dias, trabalhando em prol da heroização de Jair Bolsonaro, principal representante da direita alternativa brasileira, e do combate aos grupos considerados inimigos. Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica e metodológica a noção de dispositivo sugerida por Foucault (2017) e discutida por Agamben (2019), bem como as discussões sobre virilidade desenvolvidas por Courtine (2013a; 2013b), Corbin (2013), Bertaud (2013) e Chapoutot (2013). **Palavras-chave:** Dispositivo; virilidade; meme; Jair Bolsonaro.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the functioning of the virility device in memes produced by the brazilian alternative right, paying attention to the way in which its practice, related to the exercise of power, produces a discursive regularity that agency statements, that responds to a historical and subjective urgency the subjects involved there. Our aim is to demonstrate the reactivation of a manly ideal formulated in the 19th century and its maintenance today, working for the heroicization of Jair Bolsonaro, the main representative of the brazilian alternative right, and for the combat against groups considered enemies. Therefore, we will use as a theoretical and methodological basis the notion of device suggested by Foucault (2017) and discussed by Agamben (2019), as well as the discussions on virility developed by Courtine (2013a; 2013b), Corbin (2013), Bertaud (2013) and Chapoutot (2013).

**Keywords:** Device; virility; meme; Jair Bolsonaro.

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do *Observatório do discurso*.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, com co-orientação na Universidade Federal de São Carlos (com bolsa CAPES). Professora Adjunta do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB/Campus I. Coordenadora do Observatório do Discurso (UFPB) e do Grupo Interinstitucional de Estudos de Discursos e Resistências - GEDIR (UFPB/ UFU/ UFS/ UFSCar/ UNICEP), além de integrante do Laboratório de Estudos do Discurso (UFSCar).

## 1 Introdução

São muitas as contribuições teórico-metodológicas concedidas por Michel Foucault aos estudos do discurso. É um legado foucaultiano, por exemplo, a ideia de que os discursos não irrompem livre ou independentemente, mas no interior das relações que os enunciados estabelecem entre si na dispersão do tempo e em conformidade com um sistema geral que os oferece condições de possibilidade (FOUCAULT, 2016). É também um legado foucaultiano a ideia de que os discursos são controlados, selecionados e organizados por procedimentos que tanto delatam a impossibilidade de seu acontecimento aleatório, como previnem os poderes e os perigos inscritos em sua materialidade (FOUCAULT, 2014a). Trata-se, na perspectiva foucaultiana de análise dos discursos, de considerar e problematizar os princípios de controle que produzem possibilidades de emergência, de organização e de distribuição aos dizeres.

No íterim desta discussão, interessa-nos, especificamente, o conceito de **dispositivo**, tomado como um conjunto de elementos (discursivos e não discursivos) que limita e que, portanto, controla a produção dos discursos, bem como trabalha na produção de subjetividades; ou, ainda, como a rede que se pode estabelecer entre tais elementos, conforme dirá o próprio Foucault (2017). Mais especificamente, interessa-nos, neste trabalho, analisar o funcionamento do que chamaremos de *dispositivo da virilidade*, atentando ao modo como sua prática, relacionada ao exercício do poder, produz uma regularidade discursiva que agencia dizeres, que responde a uma urgência histórica e que subjetiva os sujeitos aí implicados.

Para fazê-lo, nossa proposta é empreender uma análise enunciativa de *memes* produzidos pela direita alternativa brasileira<sup>3</sup>. Considerado um dos gêneros discursivos mais disseminados na *web*, os *memes* são qualificados por Dawkins (1976)<sup>4</sup> como “replicadores”, isto é, como materialidades com grande habilidade de multiplicação e de propagação, que tendem a gerar elementos similares que reiteram o processo em ciclo contínuo. Naquilo que concerne especificamente aos *memes* da direita alternativa, Lamerichs et al (2018, pp. 182-183) define-os como uma forma de *trolling* político, ou seja, “[...] não apenas como um ato de postar mensagens e memes de ódio, mas como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico”<sup>5</sup>.

Em tais enunciados, e particularmente naqueles que são atualmente produzidos no Brasil, interessa-nos uma de suas regularidades mais manifesta: aquela que cultiva um ideal de virilidade masculina que se ampara entre o heroísmo, o patriotismo e a violência, que toma a

---

<sup>3</sup> Neiwert (2017 *apud* Lamerichs et al, 2018) denominam de direita alternativa o movimento que abarca grupos aparentemente desconectados – nativistas, patriotas, supremacistas brancos e autodeclarados neonazistas, para exemplificar alguns. Embora esses grupos sejam regularmente representados como um grupo homogêneo, na realidade eles têm convicções conflitantes. O autor descreve como essas divergentes ideias radicais de direita produziram um enorme universo alternativo, que agora é chamado de *alt-right* (direita alternativa), oriundo de ideias nacionalistas brancas, ideólogos “tradicionalistas” de extrema direita, organizado e recrutado quase inteiramente online.

<sup>4</sup> O termo *meme* foi usado pela primeira vez na obra do autor, intitulada *O gene egoísta* (1976).

<sup>5</sup> Versão original: “[...] not only as an act of posting hateful messages and memes, but as a wider phenomenon through which users engage in influential, toxic behaviour”.

virilidade como um bem moral a ser adquirido, preservado e do qual é preciso apresentar provas. Um ideal de virilidade cuja espessura histórica remonta ao século XIX e que perde força ao longo do século XX, mas que é reativado no cenário político brasileiro de nossos dias. Para circundá-lo, nosso intuito é fazer uma análise discursiva de três enunciados que retratam o atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (sem partido), haja vista seu papel de principal representante da direita alternativa brasileira. São enunciados que atestam a regularidade que aqui se pretende demonstrar, bem como o funcionamento e o alcance do dispositivo de que tratamos.

Nosso objetivo será, portanto, o de compreender, a partir de uma análise discursiva, as condições de possibilidade para a atualização de saberes-poderes institucionalizados sobre o ideal de virilidade no atual momento histórico, o funcionamento do dispositivo que o sustenta, além do modo como ele opera a retomada e a manutenção dos discursos historicamente construídos em torno do homem viril. Para tanto, faremos primeiramente uma explanação sobre o conceito de dispositivo e, em seguida, a análise dos enunciados.

## 2 O conceito de dispositivo e o *dispositivo da virilidade*: breves considerações

Neste tópico, empreenderemos uma discussão acerca da definição do conceito de dispositivo no pensamento de Michel Foucault, tomando como ponto de partida a sua própria obra e considerando, posteriormente, as contribuições apresentadas por Agamben (2009) a este respeito.

A utilização do termo e a descrição do conceito de dispositivo aparecem na obra foucaultiana durante o período que se convencionou chamar de genealógico, isto é, o período que engloba basicamente os trabalhos da década de 70 e por meio dos quais os modos de objetivação dos sujeitos são investigados no interior de uma analítica microfísica do poder. Se, nesse cenário, o filósofo não dedicou um texto exclusivamente a esclarecer o conceito de que aqui tratamos, a entrevista concedida por ocasião da publicação do primeiro volume da *História da sexualidade*, em 1977, pode nos oferecer elementos para sua descrição. Isto porque, ao ser interrogado sobre a natureza do dispositivo, sua composição e seu modo de funcionamento, Foucault responderá que, por esse termo, pretende demarcar:

Em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado tempo histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2017, pp.

364-365).

Assim, em Foucault, o dispositivo compreende a rede estabelecida entre um conjunto de elementos discursivos e não-discursivos (*discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas*), a partir dos quais se estabelece um jogo que tem por finalidade *responder a uma urgência histórica*, assumindo, portanto, uma *função estratégica*. Trata-se, com isto, de um gerenciamento das relações de força em sua multiplicidade: uma organização racional que as conduz para uma dada direção, com um dado objetivo e segundo uma dada estratégia.

Mas Foucault vai além: ele pontua que há dois momentos basilares para pensar o dispositivo. O primeiro seria a hegemonia de um movimento estratégico: o dispositivo não se constitui enquanto tal e não funciona senão na condução tática das relações de força. O segundo momento compreende um duplo processo. Por um lado, uma sobredeterminação funcional, uma vez que cada efeito alcançado repercute nos demais e acaba por impor, com isto, um reajustamento dos elementos heterogêneos que são constitutivos do dispositivo e que surgem desordenadamente. Por outro lado, um processo de permanente preenchimento estratégico, sendo este exemplificado pelo autor a partir do dispositivo do aprisionamento. Foucault (2017) aponta que em um dado momento da história, as medidas de detenção ressoaram como o instrumento mais eficaz de combate à criminalidade, produzindo um efeito não esperado previamente, qual seja, a elaboração de um “meio delinquente”, divergente do que socialmente havia até então. Posteriormente, há a transformação de algo negativo em positivo, isto é, o “meio delinquente” começa a ser reutilizado com objetivos políticos e econômicos, num preenchimento estratégico de suas funções.

À esteira dessa discussão, também Giorgio Agamben (2009) tece explicações sobre o conceito de dispositivo e o entende como elemento central no pensamento de Michel Foucault. Para problematizar sua emergência na obra foucaultiana, Agamben (2009) retoma a obra *A arqueologia do saber*, de 1969, quando Foucault faz uso não da noção de dispositivo, mas da noção de “positivité”, da qual o dispositivo aproximar-se-ia, segundo Agamben (2009), não apenas etimologicamente, mas ainda naquilo que concerne a seu funcionamento.

Ao indagar-se sobre o termo “positivité”, Agamben (2009) chega à obra *Introduction à la philosophie de l'histoire de Hegel*, de Jean Hyppolite, autor definido por Foucault, em muitos momentos, como seu “mestre”. Para Hyppolite, “destino” e “positividade” são dois conceitos-chave do pensamento hegeliano. O termo “positividade”, em particular, tem em Hegel o seu lugar na oposição entre “religião natural” e “religião positiva”: a primeira como relação direta e instintiva entre a razão humana e a instância divina; e a segunda como normatização desta relação, no interior da qual as crenças, as regras e os ritos são impostos aos indivíduos coercitivamente. É a partir dessa distinção que Hyppolite apresenta o contraste entre natureza e positividade como sendo correspondente à dialética entre liberdade e coerção e entre razão e história (AGAMBEN, 2009).

Partindo precisamente deste funcionamento de uma positividade como instância repressiva, cuja atuação – por meio de regras, rituais e instituições – é naturalizada pelos indivíduos, Agamben (2009) faz aproximar positividade (em Hegel) e dispositivo (em Foucault), ambos colocados na relação entre o indivíduo e a história. No primeiro, a positividade marca o modo como um conjunto de preceitos historicamente construídos são internalizados pelo indivíduo a partir da imposição de um poder externo. No segundo, o dispositivo agencia a relação dos indivíduos com uma rede de elementos que são, do mesmo modo, historicamente

postos: as instituições, os processos de subjetivação, os mecanismos de poder. O dispositivo seria, portanto, “o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder”, o que nos incitaria à investigação dos “modos concretos em que as positivities (ou os dispositivos) agem nas relações, nos mecanismos e nos ‘jogos’ de poder” (AGAMBEN, 2009, pp. 32-33). Jogo este sempre conectado a uma ou a várias configurações do saber, que dele se originam, mas que de maneira semelhante o condicionam, como explica Foucault (2017).

Assim, como se pode desde já antever, o funcionamento do dispositivo está permanentemente atrelado tanto às relações de poder, quanto aos processos de subjetivação dos sujeitos que estão aí implicados. Não por acaso, Agamben (2009, p. 38) dirá que o dispositivo como meio de governo, isto é, como meio de controle, de gerenciamento e de orientação, acaba por produzir seus próprios sujeitos. E tendo em vista que o sujeito foucaultiano não está inserido em uma ideia metafísica ou transcendental, mas pressupõe uma constituição que concerne a seu vínculo com a história, pode-se inferir que dispositivo, discurso e processo de subjetivação estão visceralmente imbricados, fazendo do “eu de cada um, certo sujeito” (FERNANDES JÚNIOR, 2016, p. 54).

É no interior desta discussão que se pretende considerar o funcionamento de um *dispositivo da virilidade*, aqui entendido pelo conjunto dos discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados e proposições; por toda uma prática discursiva, enfim, que historicamente trabalhou - e ainda trabalha -, a partir de determinadas relações de poder e de saber, na coerção e na subjetivação do homem viril.

Trata-se de um dispositivo que conhece seu apogeu no século XIX: é ali que a acentuação das distinções sexuais esmiuçadas pelos naturalistas, acrescidas às narrativas dos exércitos revolucionários e imperiais, bem como à memória dos cidadãos considerados ilustres na Antiguidade, produziram e funcionariam em prol de uma naturalização do discurso da virilidade e de todos os elementos que afirmativamente a fomentaram e a reconheceram. É ali, no século XIX, que “a coragem, e mesmo o heroísmo, o saber morrer pela pátria, a busca da glória, a necessidade de superar qualquer desafio se impõem a homens a quem a legislação reveste de autoridade no seio da família” (CORBIN, 2013, p. 7).

É no mesmo período que os fisiologistas asseguram que o corpo masculino se destina mesmo à ação enérgica, ao engajamento social, à dominação - sobre a mulher, de modo particular, mas não exclusivamente. Não por caso, assiste-se à irrupção de discursos segundo os quais os meninos deveriam estar revestidos da virilidade desde cedo: por um lado, os meninos deveriam suportar a separação da família, reprimir a dor, o medo e o cansaço; por outro lado, deveriam dedicar-se à execução de tarefas enérgicas e perigosas, que os conferissem certo heroísmo. Nessa perspectiva, segundo Corbin (2013, p. 9), “a virilidade se identifica com a grandeza - noção essencial -, com a superioridade, a honra, a força - enquanto virtude -, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores”.

Assim, o que se tem, neste ápice da virilidade, datada do século XIX, é a construção de todo um dispositivo que se ampara nas relações de poder exercidas por instituições como o Estado, o exército e a família, bem como em enunciados e proposições que aí se formulam, para subjetivar homens viris. Trata-se de um dispositivo que perpassa as relações sociais, que as determina, que induz efeitos de dominação, que produz e naturaliza esquemas de comportamento e que, com isto, fabrica seus próprios sujeitos. Para o homem do século XIX, a virilidade é um bem moral a ser adquirido, preservado e do qual é preciso que apresente provas. Não nos surpreende, portanto, que este momento histórico tenha assistido à multiplicação dos

espaços dedicados exclusivamente à presença masculina; espaços não apenas de manifestação da virilidade, mas ainda de sua imposição, entre os quais figuravam, além das salas de armas, dos colégios militares e dos cabarés, as reuniões políticas (CORBIN, 2013).

Não é aleatória, portanto, a proposta que aqui apresentamos de analisar o funcionamento contemporâneo deste dispositivo naquilo que diz respeito ao cenário político. Naturalmente, não se trata de uma proposta que sugere a hipótese de uma continuidade perene do dispositivo de que tratamos, do século XIX aos dias atuais. Ao contrário disto, reconhece-se que o século XX acabou por deslocar a força adquirida anteriormente pelo *dispositivo da virilidade*. Reconhece-se a obsolescência que o século XX atribuiu ao belicismo, ao dever patriótico de morrer pela pátria, às definições de honra, de grandeza, aos modelos, enfim, que outrora constituíram a virilidade como forma de vida. O século XX acabou por reconhecer que, ao contrário do que anteriormente haviam assegurado os fisiologistas, a dominação masculina supostamente decorrente de uma virilidade natural, era, em verdade, historicamente localizada, construída a partir de determinadas relações estratégicas de poder. O século XX acaba, enfim, por instituir uma crise da virilidade: “degenerescência das energias másculas, diminuição da força, multiplicação das taras. A virilidade está em perigo, e a nação com ela” (COURTINE, 2013a, p. 9).

Mesmo nas grandes Guerras a virilidade reconhecerá suas fissuras: a militarização devastará os corpos e aniquilará o mito do militar-viril, inscrevendo, no campo das sensibilidades, a vulnerabilidade masculina. No campo do trabalho, tampouco será diferente: aqui, a virilidade será colocada em xeque pelo progresso tecnológico, pela desqualificação de que resultam as crises, bem como pela burocracia da sociedade urbana. Paralelamente, não se pode dirimir a centralidade que adquiriram os movimentos sociais e identitários nesse interim, em especial o feminismo, em cujo cerne reside a reivindicação de uma igualdade de gênero que solapa a virilidade de seu lugar de poder mais tradicional.

Assim, entre os séculos XIX e XX, assiste-se tanto ao ápice quanto ao enfraquecimento do *dispositivo da virilidade* de que aqui tratamos. A despeito disso, importa ressaltar que as turbulências pelas quais o século XX o fez passar não significam sua radical e definitiva derrocada. Courtine bem o dirá que o homem viril não está em vias de desaparecimento: “parece mais justo dizer que a virilidade entrou numa zona de turbulências culturais, num campo de incertezas, num período de mutação” (COURTINE, 2013a, p. 11).

Dito isto, pode-se assegurar a virilidade como um dispositivo que esteve, desde sempre, associado às relações de poder, aos processos de subjetivação que produziram o homem viril no decorrer do tempo histórico, que desempenhou uma função estratégica em favor dos grupos e das instituições a quem valia a dominação masculina. Agora, cabe-nos demonstrar, com nossas análises, a reativação contemporânea deste dispositivo e mais particularmente o modo como ele se dá a ver no cenário político: as relações de poder que exerce, os enunciados que compreende, as retomadas discursivas que aí se inscrevem e as subjetividades que produz.

### 3 O funcionamento do *dispositivo da virilidade* em *memes* da direita alternativa brasileira

Segundo Agamben (2019), os dispositivos existem desde o aparecimento do *homo sapiens*. A despeito disso, não se pode negligenciar o fato de que, em nossos dias, não há um só momento na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por

algum dispositivo. Para o autor, seria possível, inclusive, determinar a atual fase extrema do desenvolvimento capitalista como uma enorme acumulação e proliferação de dispositivos, desde o celular até o Estado, o que nos coloca diante de novos, múltiplos e diversos esquemas de comportamento, formas de conduta e de subjetivação. Mas neste acúmulo, que perpassa nosso presente, há também um jogo discursivo que permite a retomada e a atualização de enunciados no interior de dispositivos há muito construídos. Entre tais dispositivos, está, sem dúvida, aquele da virilidade, cujo funcionamento pretendemos aqui demonstrar.

Para tanto, partamos de um acontecimento. Michel Foucault define um acontecimento como sendo “sempre uma dispersão; uma multiplicidade. É o que pesa aqui e ali; é policéfalo”. Mais do que isso: para o filósofo, um acontecimento “se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações” (FOUCAULT, 2014b, p. 175). Nesses termos e para a discussão que propomos, é preciso considerar a ascensão da direita alternativa no cenário político ocidental contemporâneo como um acontecimento. Tal acontecimento, em sua multiplicidade, irrompe com a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em 2016, mas se dispersa e repercute ainda na chegada do ex-Deputado Federal e principal representante da direita alternativa brasileira, Jair Bolsonaro (sem partido), à presidência, em 2018. Trata-se de um acontecimento que alarga e visibiliza uma escalada de discursos autoritários e conservadores.

Empoli (2019) caracteriza a configuração política que daí emerge como uma nova forma de tecnopopulismo pós-ideológico, esculpida pela internet e pelas novas tecnologias, em cujo funcionamento os insultos e a vulgaridade perdem o *status* de tabu. É assim que os preconceitos, o racismo e a discriminação de gênero emergem e as *fake news* e o conspiracionismo se transformam em modelos para a interpretação da realidade (EMPOLI, 2019). Nesse cenário, a direita alternativa faz valer uma estratégia política que dissemina ideais políticos/sociais pela *web*, no interior da qual o uso de *memes* se tornam uma tendência mundial pelo impacto político de que se mostram capazes. No limite, diríamos que as mídias participativas como os *memes* são a chave para se engajar com a democracia e a cidadania contemporâneas, conforme argumentam Lamerichs et al (2018).

Assim como os *memes* da direita alternativa estadunidense, os brasileiros trabalham na regularidade de algumas temáticas. Uma dessas temáticas nos interessa aqui sobremaneira: aquela que atribui a seus principais representantes, como o atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro, um ideal masculino de virilidade<sup>6</sup>. É este aspecto que nos interessa agora analisar: o funcionamento do *dispositivo da virilidade* na produção dos *memes* da direita alternativa brasileira, particularmente aqueles que centralizam a figura do presidente brasileiro. Interessa-nos questionar seu funcionamento contemporâneo (a despeito do enfraquecimento que lhe conferiu o século XX), os enunciados que produz e que atualiza, as relações de poder a partir das quais fomenta seu exercício, além dos processos de subjetivação que aí de configuram.

Vejamos o primeiro enunciado:

---

<sup>6</sup> Em julho de 2020, uma matéria de *Folha de São Paulo* discutiu o assunto: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021.



Figura 1: Associação de Bolsonaro aos cavaleiros templários<sup>7</sup>

Este primeiro enunciado retrata o atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, cavalgando em uma espécie de descampado. Montado em um cavalo, Bolsonaro porta uma armadura revestida por um uniforme branco com uma cruz vermelha, além de uma capa. Em punho, a bandeira imperial brasileira. Toda a imagem é produzida para demonstrar o movimento enérgico da cavalgada: o cavalo tem uma de suas patas dianteiras suspensa, dando a impressão de que está em pleno galope; enquanto isso, o vento bate não só em seus cabelos, como ainda na roupa de Bolsonaro e na bandeira que traz em mãos. Abaixo do enunciado, em letras verdes, uma convocação: “Bom dia soldados! Dispostos a lutar?”. Acima, a imagem de um padre abençoa a cena; o padre é aqui representado por Enéas Carneiro, ex-militar, político e considerado um dos principais representantes do conservadorismo nacionalista brasileiro.

De modo geral, o enunciado traça uma espessura histórica com a produção de discursos medievalistas, particularmente aqueles que remontam aos Cavaleiros Templários, ordem militar de cavalaria que existiu entre os séculos XII e XIV. Seus membros usavam o mesmo uniforme usado no enunciado por Bolsonaro, e tinham por função a proteção dos cristãos que peregrinavam até Jerusalém. Esta Ordem é atualmente retomada por um grupo autointitulado Cavaleiros Templários do Brasil, que se caracteriza como uma “organização religiosa, paramaçônica e tradicional com base nos Cavaleiros da Idade Média”<sup>8</sup> e possui como representante político o atual presidente Jair Bolsonaro. Assim, conforme o fizeram outrora os cavaleiros medievais, Bolsonaro passa a ser, no enunciado, o cavaleiro que, com a coragem enérgica que lhe confere sua virilidade e com a benção de um religioso conservador, protege a peregrinação de seu povo.

Este intento está materializado ainda na pergunta/ convocação impressa no enunciado - “Bom dia soldados! Dispostos a lutar?” -, na qual já se pressupõe a função de soldado dos interlocutores e ainda sua necessária disposição à luta. Trata-se da construção de Bolsonaro como guerreiro medieval e como líder da tropa, e de seus seguidores/ eleitores como soldados

<sup>7</sup> Os cavaleiros templários... No Brasil? Em 2020? Disponível em:

<https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/os-cavaleiros-templ%C3%A1rios-no-brasil-em-2020-35582def0cdf>. Acesso em: 09. abr. 2020.

<sup>8</sup> Fonte: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/os-cavaleiros-templ%C3%A1rios-no-brasil-em-2020-35582def0cdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.



dispostos a lutar em prol da nação. Há aqui o funcionamento do *dispositivo da virilidade* que reativa a imagem do soldado corajoso e combativo, cuja virilidade, para Bertaud (2013), é conservada por conta de uma educação moral alimentada pelo amor à pátria: “A virilidade militar toma as cores do patriotismo e o soldado se torna cidadão” (BERTAUD, 2013, p. 200).

O militarismo, o patriotismo e a religião cristã são discursos/ instituições que integram o *dispositivo da virilidade* e que historicamente ocuparam lugares de poder, atuando em conjunto na subjetivação dos cidadãos ocidentais com vistas à construção de um ideal masculino viril e disposto a lutar e a morrer pela nação. No cenário político contemporâneo, este funcionamento está atualizado pelo mote do Integralismo<sup>9</sup> retomado pela direita alternativa brasileira: “Deus, Pátria e Família”; ou ainda pelo mote do próprio Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Por fim, seria preciso ainda lembrar que, conforme o dissemos anteriormente, o dispositivo tem uma função estratégica dominante, ele atende a uma urgência histórica: o dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 2017, p. 365). Assim, cenários de recorrentes crises econômicas e políticas, como este que vivemos atualmente, propiciam condições de possibilidade para a legitimação de discursos saudosistas, como o do *meme* acima, em que modelos de virilidade, que são atualmente combatidos por discursos progressistas, ganham força e possibilitam o retorno de discursos autoritários e violentos que estavam adormecidos, porém não mumificados. Trata-se da reativação e da atualização de discursos que, no interior do *dispositivo da virilidade*, reacendem o ideal do homem viril como herói capaz de salvar a nação dos perigos contemporâneos, fazendo-a retornar a um passado de glória e grandeza.

Um segundo *meme* da direita alternativa que aqui analisaremos nos mostrará outra particularidade recorrente nesta iconografia: a fetichização de um corpo ultramasculino. Vejamos.



Figura 2: Bolsonaro “Make Brazil Great Again”<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Movimento surgido na década de 1930, no Brasil, inspirado pelo fascismo europeu.

<sup>10</sup> Meme veiculado em: Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões. Disponível em:

Este segundo *meme* retrata uma disputa entre dois homens em um cenário de guerra e destruição. Acima, disparando um chute que derruba seu inimigo, está a imagem de Jair Bolsonaro, que ostenta sua arma enquanto liquida seu adversário. Já caindo e soltando uma espécie de fuzil, está a imagem de Lula, em uma expressão de derrota. Sem camisa, Bolsonaro ostenta seus músculos, que se apresentam como metonímia da força necessária para o golpe que dispara; Lula, por seu turno, está com um macacão, e ainda que os músculos de seu braço direito apareçam rapidamente, isto não sugere qualquer potência, mas antes a habilidade de seu oponente em rasgar a manga de seu uniforme. Acima da cena, a afirmação: “Bolsonaro make Brazil great again”.

O que se tem, neste enunciado, é a atualização de uma memória cinematográfica. O cinema, enquanto dispositivo de poder-saber, funciona como uma rede de elementos discursivos e não discursivos que estão inscritos na sociedade. A série de filmes estadunidenses *Rambo* desempenhou um papel relevante para a disseminação de modelos viris no Ocidente baseados na potência muscular, além de ter sido difundida enquanto propaganda norte-americana contra o comunismo, tendo em vista que o personagem principal da série, John Rambo, é um ex-combatente da Guerra do Vietnã. Assim, partindo do pressuposto de que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2016, p. 118), o que o *meme* em questão opera é a atualização de um imaginário já cristalizado na cultura ocidental. De um lado, a representação de Bolsonaro enquanto Rambo, herói e salvador da nação, derrotando seu adversário; de outro lado, Lula, representado como um soldado vietnamita<sup>11</sup>, comunista e inimigo da pátria, ou seja, um oponente a ser expurgado. Mas além disto, há ainda a atualização do lema do ex-presidente norte-americano Donald Trump - “Make America great again” -, por meio da frase “Bolsonaro make Brazil great again”.

Trata-se, uma vez mais, do funcionamento do *dispositivo da virilidade* em resposta a uma urgência histórica. Segundo Finchelstein (2019), a reprodução de uma memória masculina ideal associada à luta corporal e à destruição do inimigo são características fundamentais dos líderes messiânicos fascistas, sendo estas retomadas no presente em virtude das condições de possibilidade representadas pela (re)ascensão de governos populistas de extrema-direita ao redor do mundo. Trata-se de uma resposta à visibilidade e à legitimidade conquistada, nas últimas décadas, por governos democráticos e progressistas, bem como pelos movimentos sociais que pautam identidades minoritárias e que colocam em xeque, de certa forma, esta virilidade que se ampara entre o heroísmo cinematográfico e a violência deliberada. Mas não é só isso: trata-se ainda do preenchimento estratégico do dispositivo, na medida em que é colocado o rosto de Bolsonaro no lugar do personagem original, na tentativa de aproveitar os sentidos ali postos e de atualizar estrategicamente tais imagens - um novo rosto, um novo suporte, um novo momento histórico.

Sobre a hipermasculinidade estampada pelo *meme*, Courtine (2013b, p. 558) assinala que ela “se tornou um elemento central na cultura do corpo na América de hoje e, além disso, de uma cultura visual global”. Assim, os *memes* da direita alternativa brasileira, ao hiperbolizarem essa cultura viril do *body-building*, contribuem para um conjunto de práticas que é muito mais que a representação de um ideal, mas uma construção ideológica que se assenta em um suporte material, pois é “produzida por uma indústria, organizada em um mercado,

---

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021.

<sup>11</sup> A roupa de Lula representa as vestes usadas pelos soldados vietnamitas durante a Guerra do Vietnã.

disseminada em um conjunto de práticas de massa” (COURTINE, 2013b, p. 563). Todo um dispositivo, portanto, que vai trabalhar em prol da virilidade e cuja iconografia, de fetichização do corpo másculo, se coloca à esteira dos ideais viris disseminados em governos totalitários, como o nazismo e o fascismo, em que posições de poder devem, e são, ocupadas por homens, pois sujeitos que não estão inscritos nessa ordem masculina, como as mulheres, estão fadados a permanecer em posições de subalternidade.

No interior dessa mesma série enunciativa, que já nos apresentou o Bolsonaro cavaleiro medieval e o Bolsonaro combatente de guerra, os *memes* da direita alternativa brasileira possuem ainda recorrentes discursos de ódio contra minorias sociais, materializados sob uma linguagem aparentemente inofensiva e tendo como um dos principais alvos a população LGBTQIA+. Vejamos um terceiro *meme*:



Figura 3: Bolsonaro e Jean Wyllys em sua juventude<sup>12</sup>

O *meme* acima apresenta uma comparação entre Bolsonaro e Jean Wyllys, ambos “em sua juventude”. O primeiro aparece em uma espécie de foto oficial, representado em trajes militares, numa menção ao fato de que o atual presidente atuou no Exército brasileiro antes de ingressar na carreira política. O segundo, o ex-Deputado Federal Jean Wyllys<sup>13</sup>, aparece em uma ocasião informal e porta roupas historicamente atribuídas ao universo feminino. Lamerichs et al (2018, p. 183) apontam que “teoricamente, memes podem ser lidos como uma mídia incrivelmente poderosa e persuasiva, a qual foi adotada pela direita alternativa a fim de justificar seu discurso tóxico”<sup>14</sup>. É o caso do *meme* em questão, que dispõe uma valorização da imagem de Bolsonaro como soldado viril em contraposição a uma imagem depreciativa de Jean Wyllys

<sup>12</sup> Meme veiculado em: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021

<sup>13</sup> Em janeiro de 2019, Jean Wyllys desistiu de assumir o terceiro mandato como Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro e decidiu dedicar-se à carreira acadêmica fora do Brasil devido às ameaças de morte que vinha recebendo constantemente.

<sup>14</sup> Versão original: “Theoretically, memes can be read as incredibly powerful, persuasive media which are adopted by the alt-right to justify their toxic discourse”.

como homem “afeminado”, reiterando práticas discursivas sexistas e homofóbicas há muito construídas e fazendo soar o funcionamento do *dispositivo da virilidade* como princípio de controle dos discursos.

Isto porque os discursos homofóbicos presentes nos *memes* da direita alternativa contemporânea possuem uma espessura histórica que remonta a ideologias oriundas de regimes totalitários fascistas. Chapoutot (2013) elenca algumas razões do ódio nazista aos homossexuais, dentre elas estão uma tradição de discriminação pautada em religiões e culturas ocidentais, além de preconceitos e rejeições do período vitoriano e ainda o argumento da diminuição da natalidade nacional. Sendo uma das características da virilidade fascista o acasalamento frequente com o objetivo de conceder filhos à pátria, à raça e ao Führer, o homossexual é considerado pelo regime como um ser “anormal”, haja vista sua desobediência relativamente à determinação da procriação (CHAPOUTOT, 2013). É assim que, através de uma mobilização orquestrada por instituições de poder, como o Estado e a Igreja, e em nome de uma recuperação moral perdida na Primeira Guerra Mundial, no interior do movimento fascista, o *dispositivo da virilidade* exclui qualquer sujeito que esteja fora da ordem hegemônica.

Apesar dos governos populistas modernos, como o governo de Jair Bolsonaro no Brasil, terem acrescentado as novas tecnologias de comunicação à sua retórica e à sua estética, não houve modificação na sua abordagem política essencial, segundo Finchelstein (2019). A retórica clássica populista de uma substituição de diversas vozes por uma única, mais especificamente a do líder, reproduz uma continuidade em relação aos discursos anteriores às novas tecnologias comunicacionais. Dessa forma, enunciados que transmitem mensagens sintéticas, como o *meme* acima, produzem efeitos de verdade que facilitam, ainda mais, o escárnio e a demonização dos inimigos que não compactuam com o ideal viril do líder, sendo este representado pelo atual presidente brasileiro.

Desse modo, essa genealogia dos *memes* da direita alternativa brasileira se inscreve no interior de uma discursividade que delata a reativação e o funcionamento contemporâneo do *dispositivo da virilidade*, tanto em sua relação com o exercício do poder, quanto no agenciamento das relações de força em direção a uma dada urgência, e ainda na produção de subjetividades. Em tais *memes*, irrompe a memória de uma hipermasculinidade tóxica e excludente, a qual, amparada por instituições de poder como o Estado, o Exército, a família e a Igreja, trabalha na produção de subjetividades viris que, em prol de sua autoafirmação, atacam sujeitos historicamente violentados pela sociedade ocidental, como a população LGBTQIA+ e as mulheres, e exaltam líderes políticos autoritários. Trata-se de responder, a partir do *dispositivo da virilidade*, a uma urgência histórica que se coloca mediante a visibilidade e o respeito conquistado, nas últimas décadas, pelos grupos progressistas e minoritários. Um retrocesso, portando, na luta por equidade social e na construção de uma democracia efetivamente plural.

#### 4. Considerações finais

É certo que a incorporação da *web* no cotidiano dos sujeitos vem promovendo diversas mudanças nos hábitos, nos esquemas de comportamento, nas formas de interação entre indivíduos e na circulação das informações. Nesse cenário, uma das razões para a emergência da direita alternativa no cenário político ocidental foi justamente o grande engajamento desse grupo na *web*, que tem os *memes* políticos como principal arma de difusão e sedução de seu

público: são enunciados de linguagem fácil, com enorme habilidade de multiplicação e de propagação, que disfarçam seu discurso de ódio com uma aparência humorística e, portanto, supostamente inofensiva.

De tais enunciados, nos interessou, neste artigo, uma de suas regularidades mais manifesta: aquela que delata a reativação e a manutenção de um ideal viril hipermasculinizado, heroicizado e violento que vimos emergir no século XIX e enfraquecer no século XX. Tal regularidade é amparada por instituições de poder como a igreja, o Estado, o exército, bem como por saberes religiosos, militares e biológicos, que constroem, em conjunto, uma rede de elementos discursivos e não discursivos que os agenciam e os direcionam a um dado fim. Esta rede é o próprio *dispositivo da virilidade* de que aqui tratamos. É ele que opera e é dele que decorrem os processos de subjetivação que nos mostraram, nas análises que apresentamos, o Bolsonaro cavaleiro medieval, o Bolsonaro combatente de guerra, e o Bolsonaro oficial do exército: exemplos de virilidade que sugerem a coragem que se disponibiliza à salvaguarda do povo, a força que combate o inimigo da nação, a honradez que se contrapõe às afetações.

Mais do que isto: no decorrer das análises dos três enunciados, demonstramos como essas materialidades atestam o duplo processo essencial ao dispositivo. A princípio, seu movimento estratégico: o dispositivo não se constitui enquanto tal e não funciona senão no agenciamento tático das relações de força, que aqui são conduzidas à heroicização de Jair Bolsonaro, principal representante da direita alternativa brasileira. Além disso, um permanente processo de preenchimento estratégico, que ocorre por meio de um jogo discursivo em que há a manipulação e a reconfiguração de um personagem já constitutivo do *dispositivo da virilidade* através de sua fusão à imagem do atual presidente, conforme ocorrera com Rambo.

Por fim, se propomos este artigo com o intuito de analisar o funcionamento do *dispositivo da virilidade* nos *memes* produzidos pela direita alternativa brasileira, atentando ao modo como sua prática, relacionada ao exercício do poder, agencia dizeres, responde a uma urgência histórica e subjetiva os sujeitos aí implicados, concluimos que tais enunciados trabalham na retomada e na regularidade de um ideal viril que heroiciza seu principal nome na mesma medida em que faz frente a grupos progressistas e minoritários. Trata-se de uma prática discursiva que enxerga como ameaça a força e os lugares de poder conquistados por tais grupos, particularmente as mulheres e o público LGBTQIA+, de modo a entender sua consolidação como urgência histórica a ser combatida.

## Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BERTAUD, J-P. A virilidade militar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIAGRELLO, G. *História da virilidade*. Vol 2. O triunfo da virilidade: o século XIX. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHAPOUTOT, J. Virilidade fascista. In: COURTINE, J.J.; CORBIN, A.; VIAGRELLO, G. *História da virilidade*. Vol. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

- CORBIN, A. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIAGRELLO, G. *História da virilidade*. Vol 2. O triunfo da virilidade: o século XIX. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COURTINE, J.J. Introdução. In: COURTINE, J.J.; CORBIN, A.; VIAGRELLO, G. *História da virilidade*. Vol. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Trad. de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- COURTINE, J.J. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: COURTINE, J.J.; CORBIN, A.; VIAGRELLO, G. *História da virilidade*. Vol. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FERNANDES JÚNIOR, A. Felicidade, dispositivo de poder e produção de subjetividade. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (orgs.). *(In)Subordinações Contemporâneas*. Consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- FINCHELSTEIN, F. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. *Aulas sobre a vontade de saber*: curso no collège de France (1970-1971). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- LAMERICHS, N. et al. Elite male bodies: the circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. *Participations*, v. 15, n. 1, p. 27, 2018.

Recebido em: 18/04/2021

Aceito em: 05/07/2021